

## A carta da paixão

**Herberto Helder**

Enviado por:

Publicado em : 31/08/2007 15:30:00

Esta mão que escreve a ardente melancolia  
da idade  
é a mesma que se move entre as nascentes da cabeça,  
que à imagem do mundo aberta de tēmpora  
a tēmpora  
ateia a sumptuosidade do coração. A demência lavra  
a sua queimadura desde os recessos negros  
onde  
se formam  
as estações até ao cimo,  
nas sedas que se escoam com a largura  
fluvial  
da luz e a espuma, ou da noite e as nebulosas  
e o silêncio todo branco.  
Os dedos.  
A montanha desloca-se sobre o coração que se  
alumia: a língua  
alumia-se. O mel escurece dentro da veia  
jugular talhando  
a garganta. Nesta mão que escreve afunda-se  
a lua, e de alto a baixo, em tuas grutas  
obscuras, a lua  
tece as ramas de um sangue mais salgado  
e profundo. E o marfim amadurece na terra  
como uma constelação. O dia leva-o, a noite  
traz para junto da cabeça: essa raiz de osso  
vivo. A idade que escrevo  
escreve-se  
num braço fincado em ti, uma veia  
dentro  
da tua árvore. Ou um filão arrido de ponta a ponta  
da figura cavada  
no espelho. Ou ainda a fenda  
na fronte por onde começa a estrela animal.  
Queima-te a espaçosa  
desarrumação das imagens. E trabalha em ti  
o suspiro do sangue curvo, um alimento  
violento cheio  
da luz entrançada na terra. As mãos carregam a força  
desde a raiz

dos braços, a força  
manobra os dedos ao escrever da idade, uma labareda  
fechada, a límpida  
ferida que me atravessa desde essa tua leveza  
sombria como uma dança até  
ao poder com que te toco. A mudança. Nenhuma  
estaçao é lenta quando te acrescentas ne desordem,  
nenhum  
astro  
é tão feroz agarrando toda a cama. Os poros  
do teu vestido.  
As palavras que escrevo correndo  
entre a limalha. A tua boca como um buraco  
luminoso,  
arterial.  
E o grande lugar anatómico em que pulsas como  
um lençol lavrado.  
A paixão é voraz, o silêncio  
alimenta-se  
fixamente de mel envenenado. E eu escrevo-te  
toda  
no cometa que te envolve as ancas como um beijo.  
Os dias côncavos, os quartos alagados, as noites que  
crescem  
nos quartos.  
É de ouro a paisagem que nasce: eu torço-a  
entre os braços. E há roupas vivas, o imóvel  
relâmpago das frutas. O incêndio atrás das noites corta  
pelo meio  
o abraço da nossa morte. Os fulcros das caras  
um pouco loucas  
engolfadas, entre as mãos sumptuosas.  
A doçura mata.  
A luz salta às golfadas.  
A terra é alta.  
Tu és o nó de sangue que me sufoca.  
Dormes na minha insónia como o aroma entre os tendões  
da madeira fria. És uma faca cravada na minha  
vida secreta. E como estrelas  
duplas  
consanguíneas, luzimos de um para o outro  
nas trevas

\*\*\*\*\*